




* Mestre em Teologia pela PUCPR (2021). Especialista em Catequese - Iniciação à Vida Cristã pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2017). Licenciado em Matemática, Bacharel em Filosofia e Bacharel em Teologia. E-mail: ariel.philippi@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6961-2740>

** Doutora em Teologia pela EST. Mestre em Educação pela PUCPR. Professora adjunta no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado e do Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. Pós-doutora em Fenomenologia pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontifícia Universidade Lateranense – Roma. Especialista em Gestão de Escolas pela PUCPR e em Educação a Distância pela UnB. Possui Licenciatura em Pedagogia e em História; Bacharelado em Teologia. Líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Gênero, Educação PUCPR. E-mail: clelia.peretti@pucpr.br

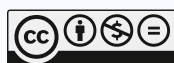
 <https://orcid.org/0000-0003-2062-0883>

*** Especialista em Catequese - Iniciação à Vida Cristã pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2017). Arquivista na Diocese de Chapecó. E-mail: noemiadebastiani@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0446-0349>

Recebido em 06/04/21

Aprovado em 23/08/21



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

MÍSTICA E MISSÃO DE ACOMPANHADORES

testemunhas do pertencimento à
comunidade de fé

MYSTICS AND FOLLOWERS' MISSION

witnesses of belonging to the community
of faith

*Ariel Philippi Machado**

*Clelia Peretti***

*Noêmia Fátima Lopes da Silva Debastiani****

Resumo: O presente artigo objetiva evidenciar os elementos do magistério do Papa Francisco para a atuação do catequista acompanhador, tendo como referência a vida em comunidade. Caracteriza-se por ser uma pesquisa documental-bibliográfica, extraída de fontes do magistério e outras fontes, contendo as diretrizes que tratam da importância do acompanhamento para a ação evangelizadora. Composto de três partes: a primeira aborda a contribuição de acompanhadores para a vida em comunidade; a segunda apresenta um ícone bíblico para inspirar a missão de acompanhadores nos dias atuais; e a terceira, traz a indicação de características da mística e missão de acompanhadores em processo de catequese sistemática. Concluindo que a redescoberta da importância dos acompanhadores, desde as comunidades da primeira hora, é uma ousadia, que é motivo de conversão para os estilos pastorais e estruturais da Igreja hoje.

Palavras-chave: Acompanhadores. Comunidade de fé. Catequese.

Abstract: This article aims to highlight the elements of Pope Francis' magisterium for the performance of the accompanying catechist, having community life as a reference. It is characterized by being a documentary-bibliographic research, extracted from teaching sources and other sources, containing guidelines that address the importance of monitoring for the evangelizing action. Composed of three parts: the first addresses the contribution of companions to community life; the second features a biblical icon to inspire the mission of present-day companions; and the third, indicates the characteristics of the mystique and mission of companions in the process of systematic catechesis. Concluding that the rediscovery of the importance of companions, from the communities of the first hour, is a bold move, which is a reason for conversion to the pastoral and structural styles of the Church today.

Keywords: Accompanying. Faith Community. Catechism.

INTRODUÇÃO

Em março de 2013 o mundo acompanhou a eleição de um Papa vindo do “fim do mundo”. Essa era a primeira novidade de um pontificado que vem oferecendo à Igreja novas inspirações, novas expressões e, sobretudo, novas atitudes. O arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, eleito no dia 13 de março de 2013, iniciou uma nova era para a Igreja Católica no Terceiro Milênio, a era da Igreja samaritana, que sai de si mesma e alcança as periferias existenciais e geográficas, para oferecer o óleo da cura e o vinho da alegria.

Papa Francisco é o ícone da Igreja peregrina, atenta aos detalhes, às pessoas esquecidas e deixadas à margem. Para Francisco, a missão da Igreja realiza-se numa compreensão espacial dos processos, que ele denomina modelo de poliedro (EG 236), e por meio de uma pedagogia integradora, tanto dos recursos quanto de interlocutores.

Considerando os apelos recentes do magistério de Francisco, especialmente daqueles registrados na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, publicada em 2013, o presente artigo apresenta uma reflexão a respeito da arte do acompanhamento, destacada como mística para os processos de crescimento tanto da fé quanto da humanização de nossas relações (EG 169).

Ocorrido o processo sinodal para reflexão sobre a família, celebrado em duas etapas, 2014 e 2015, acolhemos a comovente Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, publicada em 2016, cristalizando a noção de que “[...] o trabalho da Igreja é semelhante ao de um hospital de campanha” (EG 291). A Exortação concentra, no Capítulo VIII, os pilares de uma pastoral renovada, capaz de acompanhar, discernir e integrar as fragilidades tanto das famílias quanto da sociedade.

Ainda na esteira do Papa Francisco, temos a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, aos jovens e a todo povo de Deus, publicada em 2019, pela qual imagina-se o baú de desejos dele para uma Igreja rejuvenescida, contemporânea aos desafios e às potencialidades de nossos dias, para que, despertando os adultos, atuantes nas diferentes modalidades da Igreja e da sociedade, sejam capazes de escutar e acompanhar as novas gerações. Desse modo, a Igreja cumpre com sua vocação de ser sinal da presença de Jesus Cristo (EN 6) que torna tudo novo e enche de vida todas as realidades que o acolhem (CV 1).

Diante do exposto, a reflexão será desenvolvida com o objetivo de evidenciar os elementos do magistério do Papa Francisco para a atuação do catequista acompanhador, tendo como referência a vida em comunidade.

Neste sentido, a primeira seção aborda a importância da arte do acompanhamento nos diferentes âmbitos da vida humana, mas especialmente para a vida em comunidade, tendo a fé em Jesus Cristo como referência. Celebrar com as capacidades das pessoas e ajudá-las a superar seus desafios é motivo de alegria e impulso para despertar cada membro no exercício do acompanhamento de novos filhos e filhas na fé.

Na segunda seção é apresentado o ícone bíblico de Ananias, Paulo e Barnabé, como inspiração de processos de acompanhamento nas comunidades. No agir deles, encontramos traços para a mística e missão para as pessoas que são convidadas a desempenhar o ministério do acompanhamento de novos irmãos e irmãs na fé.

Para a terceira seção está reservada a perspectiva da educação na fé, em processo sistemático de catequese, momento em que o ministério de acompanhadores tem forte expressão e surge como fator de renovação eclesial e pastoral, demonstrando a perspectiva samaritana e horizontal da Igreja.

1 A ALEGRIA DO ACOMPANHAMENTO

Acompanhar é uma necessidade evidente no contexto da sociedade plural e diversa em que estamos inseridos. A diversidade cultural é uma conquista de nossa época, ao mesmo tempo em que pode significar um risco, ameaça ou confusão de ideias. Neste espaço de ofertas distintas e de múltiplas opções, instala-se o desafio para a Igreja de oferecer recursos humanos capacitados na arte de acompanhar e guiar seus membros em um caminho de escolhas saudáveis em vista da promoção da dignidade humana.

Encontramo-nos todos neste emaranhado de caminhos possíveis, na tentativa de fazer a melhor escolha possível, tomar aquela atitude que preencha de significado os próximos passos a serem dados. E assim, tomamos consciência da importância que existe em uma tomada de decisão. Decidir é uma das maneiras de demonstrar nossa personalidade e singularidade no mundo das possibilidades.

A diversidade de rostos é a expressão visível da unicidade interior de cada ser humano; é por isso que cada pessoa reivindica, com justiça, o direito de ser identificada e chamada com seu nome. Reduzi-la a um número ou a um objeto entre os demais, seria desconhecer sua irrepetibilidade soberana¹.

Só é possível acompanhar se nos permitirmos encontrar. O acompanhamento não é realizado em uma oficina de trabalho ou na esteira de uma fábrica, mas é acontecimento progressivo, passível de surpresas, encantos e reparos. Inúmeras são as inspirações bíblicas que nos mostram o povo de Deus como itinerante na fé e, no itinerário de suas vidas, fazem a experiência de que o próprio Deus caminha, protege e dá sustento para a caminhada.

Por meio da arte do acompanhamento é possível recuperar a alegria de sentir Deus presente, caminhando conosco no dia a dia, conduzindo-nos por meio da presença e atuação e pessoas disponíveis a acolher, integrar e apontar novos rumos para nossas vidas. Deste modo, a exortação sobre o acompanhamento trazida pelo Documento de Aparecida é um imperativo para nossas lideranças comunitárias: “Requer-se, portanto, capacitar aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros” (DAp 282).

O acompanhamento é uma arte porque, como resposta à sociedade que não quer perder tempo, depende do exercício da virtude da paciência. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco explica a necessidade de uma pedagogia do acompanhamento:

Por isso, faz falta uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério. Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa (EG 171).

A certeza de poder contar com uma pessoa, ter referência para as dúvidas e medos, para as alegrias e expectativas, é uma contribuição ímpar da missão da Igreja. Saber-se acompanhador é descobrir novas estratégias de evangelização que ultrapassam as linhas determinadas pelos planos e cronogramas institucionais. A maior contribuição de acompanhadores é agregar, por meio de suas experiências, os valores necessários à comunidade de fé e também à sociedade em geral, percebendo caminhos da plena realização pessoal.

Após a realização do Sínodo sobre a juventude, em sua mensagem final ao povo de Deus, os padres sinodais afirmaram o seguinte:

¹ Carlo ROCCHETTA, *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p.76.

O acompanhamento não pode se limitar ao caminho de crescimento espiritual nem às práticas da vida cristã. Igualmente frutuoso é o acompanhamento ao longo do percurso de progressiva aceitação de responsabilidades na sociedade².

Ao que seguimos refletindo sobre a contribuição social da fé, no diálogo com as culturas, sendo fermento na massa para que os valores evangélicos contribuam de maneira eficaz para a vida em plenitude de todas as pessoas.

1.1 Acompanhadores da vida e na fé

Representa um desafio para a Igreja, neste início do século XXI, refletir e promover a nova evangelização, conduzindo os seus fiéis a uma verdadeira reiniciação à vida cristã, através de um itinerário que ofereça uma formação integral: litúrgica, catequética e sociotransformadora, renovando o caráter de toda pessoa batizada. A nova evangelização depende da formação e do empenho de cristãos convictos.

A tarefa primeira de lideranças e agentes da evangelização é testemunhar o encantamento de terem encontrado o Senhor. A alegria que vem pela fé no Ressuscitado é a razão para manter nossas comunidades, lugares de transmissão da fé e da promoção da vida. Nestes contextos, algumas pessoas são destinadas ao cumprimento da tarefa de acompanhar a vida e a fé de novos membros e de tantos outros que precisam de uma presença amiga e ajuda em seus processos de discernimento.

O Documento de Aparecida lança algumas pistas para a reflexão e instituição do ministério de acompanhadores nas comunidades:

Nossa alegria, portanto, baseia-se no amor do Pai, na participação no mistério pascal de Jesus Cristo que, pelo Espírito Santo, nos faz passar da morte para a vida, da tristeza para a alegria, do absurdo para o sentido profundo da existência, do desalento para a esperança que não engana. [...] Conhecer Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir esse tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher (DAp 17-18).

Nestas linhas, percebemos que a realização de um caminho de acompanhamento realiza-se numa trajetória de partilha de vida e experiências marcantes, que entendemos como sentido de vida. O relato evangélico das bem-aventuranças ilustra essa perspectiva do acompanhamento, traçando um itinerário de vivências, onde cada gesto, cada palavra ou cada atitude da pessoa revela sua inspiração primeira: a vida de Jesus de Nazaré, crucificado-ressuscitado.

Como luzeiros para o cotidiano da vida, os acompanhadores precisam, inicialmente, de intimidade com Jesus e vida de oração, conhecer o Evangelho por dentro, lendo e meditando, sempre na relação com os fatos e experiências de seus dias. O acompanhamento acontece no tempero da espiritualidade bíblica, tendo Jesus Cristo por referência. “Jesus gostava de anunciar o evangelho como fonte da alegria do reino, como programa de felicidade e como pista para buscar a vivência da felicidade no dia a dia”³.

Esta intimidade do acompanhador com os relatos bíblicos eleva-se na condição para que as comunidades ofereçam boas experiências de cooperação mútua para iluminar os fatos da vida por meio das experiências de fé. Os padres sinodais recomendam “a necessidade de promover um acompanhamento integral, em que os aspectos espirituais estejam bem integrados com os humanos e sociais”⁴.

2 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.55.

3 Frei PATRÍCIO, *Espiritualidade do avental*, p.133.

4 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.57.

Esta compreensão do ser humano, integral e integradora, é o desafio fundamental a ser incorporado pela Igreja e seus agentes, para que respondam à vocação recebida e comuniquem em todas as partes, o dom do encontro com Jesus Cristo, transbordando de gratidão e alegria, tendo como sinal concreto a vida fraterna e comunitária.

1.2 Acompanhar a vida em comunidade

Compreender-se como acompanhador da vida e na fé significa ter vínculos profundos com outras pessoas, saber-se pertencente a um convívio maior, formar comunidade.

A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela ‘nos dá uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão’. Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa (DAp 156).

De onde brota a missão específica do acompanhador, enquanto vinculado e membro edificante da comunidade, sabe-se capaz de conduzir novos membros para este ritmo de vida que é fruto de comunhão, de partilha e de confiança. Acompanhar é, em primeiro lugar, ser Igreja, movimentar-se como sinal da presença de Jesus, independe de cargos, títulos ou funções. Basta assumir a proposta do Evangelho de “[...] ensinar tudo quanto foi ordenado” (Mt 28,16).

De acordo com Zacharias Heyes:

A Igreja como proclamadora e serva de Deus deveria ser o primeiro lugar em que as pessoas têm um encontro com Deus e, no encontro umas com as outras, reconhecem Deus. [...] O conceito de igreja, que provém da palavra grega *ekklesia*, significa nada mais nada menos do que a comunhão daqueles que se reúnem em torno de Deus⁵.

A tarefa da pessoa acompanhadora está em perceber a singularidade e o talento de cada membro novo da comunidade, de maneira que tudo concorra para a promoção da *ekklesia*, no sentido de espaço onde o Ressuscitado habita. Partindo de Pentecostes (At 2,1-10) é possível perceber como é rica a experiência de comunidades que compreendem os sinais de Deus, encontram na caridade a linguagem comum da fé (At 2,42-47) e partem para anunciar tamanha novidade a todos os povos (At 4,18-20; 5,40-42; 6,1-7).

Esta peregrinação da Igreja, que antecipa um caminho itinerante entre acompanhadores e aqueles que a comunidade lhes confia, é sinal para o mundo de uma nova mentalidade de relações, onde dividir a vida não é um risco nem mesmo invasão de privacidades. Acompanhar é um método novo diante de fenômenos que buscam a massa, a invisibilidade da pessoa e conceitos relativizados do bem e da justiça.

Diante dos riscos de um esvaziamento de critérios, os padres sinodais afirmaram:

No interior da sociedade e das comunidades eclesiais, cada vez mais interculturais e multirreligiosas, é necessário um acompanhamento específico no que diz respeito à diversidade, para que seja valorizada como mútuo enriquecimento e possibilidade de comunhão fraterna, contra a dupla tentação do fechamento na própria identidade e do relativismo⁶.

5 Zacarias HEYES, *Como encontrar Deus...e por que nem é necessário procurá-lo*, p.74-75.

6 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.55.

Uma breve passagem pelos textos bíblicos favorece a assimilação da importância que existe para as comunidades investirem na formação de pessoas para a missão do acompanhamento da vida e na fé. Quando a comunidade dos seguidores de Jesus começou a se espalhar havia o risco das perseguições; era eminente o risco de morte. Mas, a vida em comunidade, o testemunho e a partilha dos bens entre os irmãos e irmãs dava força e coragem, demonstrava o caráter de vida nova que a fé é capaz de gerar.

Passemos, pois, para uma consideração sobre a comunidade cristã relatada em Atos dos Apóstolos, em especial, Ananias, Paulo e Barnabé, que nos inspiram na organização de comunidades-*ekklesia* em nossos dias.

2 UM ÍCONE BÍBLICO DO ACOMPANHAMENTO: ANANIAS, PAULO E BARNABÉ

A comunidade da primeira hora foi acompanhada pelas aparições do Ressuscitado e, principalmente, pelo testemunho concreto daquelas pessoas que caminharam nas pegadas de Jesus de Nazaré. Deixando Jerusalém, os apóstolos empenharam suas vidas na difusão do Evangelho e dos valores de um novo reino instaurado pelo Messias, o Emanuel.

No livro dos Atos dos Apóstolos encontramos relatos curiosos e, ao mesmo tempo, inspiradores para novas práticas pastorais em nossos dias. Concentrando-nos no capítulo nove, podemos extrair inspirações para a organização do papel e do perfil de acompanhadores. No relato deste capítulo temos a conversão de Paulo, a conversão de Ananias e a mediação de Barnabé⁷. Uma tríade necessária no momento de pensar o acompanhamento da vida e da fé em nossas comunidades. Convertem-se a pessoa acompanhada e a comunidade que a acolhe, mediante a atuação de lideranças que exerceram o acompanhamento.

De um lado temos Paulo, que, em seu itinerário de perseguição das comunidades cristãs, é surpreendido por uma experiência de fé que modificou por completo sua vida. Na estrada de Damasco, o judeu temente vê cair por terra todo zelo pela religião dos judeus e todo o seu aprendizado sobre leis e costumes. Além do relato em Atos, na Carta aos Gálatas (1,11-24), o próprio Paulo explica sua missão de apóstolo extraordinário.

E sobre esta passagem, Mazzarolo explica:

Deus não revelou a Paulo uma Lei, um Mandamento ou Norma, mas o seu Filho (1,16), e essa manifestação se constituiu na especificidade diferencial do Apóstolo em relação aos profetas e patriarcas. O Filho, por sua vez, revelou o Pai, Sua vontade e Seu projeto. Jesus afirmava que os seus discípulos não eram mais servos, mas, amigos, porque aos amigos é dado conhecer toda a verdade e a profundidade dos mistérios divinos e, ao mesmo tempo, a grandeza e responsabilidade da missão (Jo 15,15)⁸.

Grande foi a ruptura que marcou a experiência de ser acolhido gratuitamente por Deus, enquanto ele o perseguia. Dessa experiência pessoal de Paulo é possível indicar que a pessoa responsável pelo acompanhamento precisa estar aberta para as surpresas da vida. Cada encontro é uma oportunidade de vida nova, novas descobertas e novo sentido para viver.

No itinerário do acompanhamento é preciso ter postura de equilíbrio e maturidade. Para Zacharias,

⁷ Carlos MESTERS & Francisco OROFINO, *Atos dos Apóstolos*, p.125.

⁸ Izidoro MAZZAROLO, *A vocação de Paulo Segundo Gl 1,11-2,10*, p.48.

Nenhum ser humano precisa se envergonhar da sua história, do seu caminho, do seu corpo a ponto de perder toda esperança para o futuro. Muitas vezes uma pessoa sente um grande alívio quando ela pode contar toda a história de sua vida sem ser julgada. Nas histórias de cura na Bíblia, Jesus nunca fala do passado, nunca pergunta o que a pessoa fez ou deixou de fazer. Ele interage com a pessoa como ela é naquele momento, Ele a aceita como ela é⁹.

Paulo é modelo das nossas vidas diárias, quando passamos tempo agarrados em situações que estão mais para formalismos do que para a graciosidade que existe na presença autêntica e vibrante das pessoas.

Ao mesmo tempo, Paulo é encontrado por Ananias, que representa os nossos grupos, as nossas preferências, os nossos confortos das estruturas e padrões fechados. Ananias é uma liderança de fé e, mesmo na dúvida sobre o encontro com o famoso perseguidor de cristãos, ouve o chamado de Deus e coloca-se como servidor.

Ananias vai ao endereço indicado, entra, impõe as mãos e afirma três coisas: chama Paulo de *meu irmão*, promete a ele uma nova visão e anuncia o dom do Espírito Santo. São as três coisas que acontecem com toda pessoa que entra numa comunidade: passa a ser irmã ou irmão, adquire uma visão nova das coisas e recebe o dom do Espírito Santo. Ao dizer *Saulo, meu irmão!*, Ananias recebe o perseguidor como irmão na comunidade. [...] Nasceu um novo Paulo, pronto para a nova missão! A conversão, porém, não é apenas um fato que acontece uma vez por toda. Ela é um processo que vai acontecendo no dia-a-dia e que se prolonga pela vida afora¹⁰.

A pessoa que se entrega à tarefa do acompanhamento precisa estar disponível para uma caminhada de proximidade, mas ao mesmo tempo, de confiança nos frutos que os novos irmãos e irmãs são capazes de produzir. A missão desempenhada por Paulo não foi diferente, pois, além do episódio da acolhida da comunidade cristã de Damasco precisou romper com os seus antigos companheiros. Toda conversão exige uma renúncia e para esta atividade, em específico, é necessária a presença de acompanhadores.

Ao lado de Paulo, portanto, temos Ananias que conduz a iniciação à fé. E temos também o protagonismo de Barnabé, responsável pela mediação e inserção de Paulo na comunidade cristã de Jerusalém.

Ao chegar a Jerusalém, tentava juntar-se aos discípulos; mas eles o temiam, pois não acreditavam que fosse discípulo. Então Barnabé o apresentou aos apóstolos, e conto como ele havia visto o Senhor no caminho, como lhe havia falado e com qual ousadia anunciara o nome de Jesus em Damasco. Saulo permaneceu em Jerusalém, movimentando-se livremente; anunciava corajosamente o nome de Jesus, conversava e discutia com os judeus de língua grega, que tentavam eliminá-lo (At 9,26-29).

Após os momentos de perseguição aos cristãos, Paulo teve dificuldades para estabelecer a convivência com a comunidade dos seguidores de Jesus. Barnabé reconhece a sinceridade de Paulo e, com auxílio do Espírito Santo, ajuda a comunidade a fazer o discernimento e dar oportunidade para acolher Paulo.

O legado de Barnabé para o perfil de catequistas acompanhadores é a virtude de acreditar nas pessoas. “Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida de graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior” (EG 172).

⁹ Zacarias HEYES, *Como encontrar Deus...e por que nem é necessário procurá-lo*, p.58.

¹⁰ Carlos MESTERS & Francisco OROFINO, *Atos dos Apóstolos*, p.129.

Temos então, as seguintes inspirações: Ananias, representando as nossas comunidades; Paulo, que caracteriza acompanhadores e acompanhados simultaneamente; e Barnabé, que simboliza a caminhada progressiva da transmissão e educação na fé no chão das comunidades. A partir dessas personagens, enquanto peregrinamos entre as Damascos e Jerusaléns de nossos dias, podemos investir em processos formativos para as pessoas que se dedicam em abraçar a tarefa especial de conduzir novos membros da comunidade ao encontro vivo e verdadeiro com o Ressuscitado.

3 MINISTÉRIO DE ACOMPANHADORES: MÍSTICA E MISSÃO

O contexto hodierno de vivência da fé exige experiências que expressam o sentido da comunidade, da vida fraterna e de comunhão. O apelo do Papa Francisco para que as comunidades instalem processos de acompanhamento deve-se ao fato de que:

Numa civilização paradoxalmente ferida pelo anonimato e, simultaneamente, obcecada com os detalhes da vida alheia, descaradamente doente de morbosa curiosidade, a Igreja tem necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro, tantas vezes quantas forem necessárias (EG 169).

O processo de conversão de Paulo foi marcado pela participação de Ananias, como acolhida e iniciação à fé, e de Barnabé, mediador para a vida em comunidade. Fica evidente como foi importante o acompanhamento que Paulo recebeu de ambos, tendo como centralidade as experiências concretas de fé em Jesus Cristo que sustentavam as comunidades recém formadas.

Ananias, Paulo e Barnabé ajudam a compreender a estruturação do catecumenato das comunidades dos primeiros séculos, instituição que era responsável pela acolhida e condução na fé das pessoas que procuravam ser iniciadas à vida cristã. No catecumenato primitivo, as pessoas simpatizantes com a fé cristã eram acompanhadas por um introdutor ou acompanhante, escolhidas entre a comunidade dos iniciados, tendo como referência o testemunho concreto de vida e a participação ativa na liturgia. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos explica: “O candidato que solicita sua admissão entre os catecúmenos é acompanhado por um introdutor, homem ou mulher, que o conhece, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejos”¹¹.

A vocação e missão do introdutor, de acordo com a antiga tradição catecumenal, é reconhecida como ministério, ou seja, é um serviço da Igreja para o bem dela própria e de seus membros. “Esse ministério, portanto, não se limita ao momento ritual. Trata-se de um ministério de ‘ajuda’, que começa antes do tempo do catecumenato ou catequese, é ativo em todo o seu desenrolar e é substituído pelo padrinho ou madrinha apenas no final de todo o processo”¹².

As reflexões do Sínodo para as Juventudes sobre a vida de fé e discernimento vocacional, despertou novamente o tema dos acompanhadores, que prestaram um serviço de alto nível no início das comunidades cristãs. “De muitas maneiras, os jovens pediram-nos para qualificar a figura dos acompanhadores. O serviço de acompanhamento é uma verdadeira missão, que exige disponibilidade apostólica daqueles que o prestam”¹³.

11 RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS, p.28.

12 CNBB, *Itinerário catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*, p.58.

13 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p. 59.

3.1 Mística e Missão do Catequista acompanhador

A necessidade de acompanhar pessoas é uma resposta ao sentimento de fragmentação que vemos acontecer na sociedade, tanto na esfera das instituições públicas quanto no ambiente religioso. Diante da complexidade que caracteriza nossa época, acentua a distância entre as pessoas, especialmente entre as juventudes. Mas também crianças e adolescentes, adultos e idosos são afetados pelas poucas oportunidades de encontros intergeracionais, fragmentando também os vínculos de pertença e transmissão de valores.

Impressiona o número de jovens nas comunidades juvenis que enfrentam problemas emocionais sérios. Destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência e a vida em um mundo conectado, por causa da internet¹⁴.

Sabemos que o “[...] ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo” (CV 86), e que “[...] a *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de se comunicar e criar laços” (CV 86). Mas, mesmo parecendo paradoxal, a geração nascida no ambiente digital desenvolve um terceiro medo acrescido à relação acima, que é viver conectado como fuga ao medo do isolamento¹⁵.

Em vista dessa realidade e de outras mais peculiares, próprias das regiões e comunidades, onde a fé chega e se desenvolve, sugerimos breves considerações sobre a mística e missão de catequistas acompanhadores. Catequistas, aqui, entendidos como lideranças das diferentes expressões eclesiais, que são chamadas a abraçar um estado, onde a presença, o testemunho de vida, o silêncio, a escuta e a vida de oração são fundamentais para o ministério do acompanhamento.

Aquele que acompanha caminha junto, mas não substitui o jovem. Ele o ajuda a ter os instrumentos necessários para assumir sua vida, fazer escolhas livres, permanecer firme em seus propósitos. Um acompanhador deve manter sempre viva a esperança na capacidade que o jovem tem de participar na vida da Igreja sendo protagonista e cultivar a semente da fé em seu coração sem expectativa de ver os frutos do trabalho, pois é Deus quem faz crescer e frutificar (1Cor 3,6)¹⁶.

A mística que envolve o ministério de acompanhadores é pautada pela itinerância, um ser-com, estar ao lado para as dúvidas e partilhas, para emprestar o ouvido e vibrar em cada conquista. Ao desafiar pela implantação de uma pedagogia do acompanhamento, o Papa Francisco desafia todas as pessoas constituídas de autoridade, e expõe os traços da espiritualidade da arte de acompanhar:

Neste mundo, os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragrância solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5) (EG 169).

No episódio do pé descalço que toca a terra, Moisés pode sentir, fazer a experiência com o transcendente, aquele Outro que dialoga consigo. Acompanhar é estar preparado para o contato, participar da tensão das realidades, acolher o outro na sua inteireza, deixar-se tocar. Para tanto, é preciso oferecer boa formação aos ministros do acompanhamento, de modo que tenham boa capacitação para servirem na comunidade por meio da ternura e da afetividade.

14 CNBB, *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*, p.20.

15 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, p.229.

16 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.28.

Reforçando a mística do acompanhador, temos a parábola do samaritano (Lc 10,25-37), que ilustra também, um caminho de acolhida, acompanhamento e desaparecimento que ensina autonomia. O samaritano foi além das boas intenções. Usou do seu azeite para suavizar a dor das feridas; usou do seu vinho para desinfetar as lesões; usou de sua montaria para carregar aquele homem assaltado; usou do seu dinheiro em favor de um pouco de conforto; usou de seu tempo quando se dispôs a voltar para pagar os gastos em excesso. E, permitiu que as feridas da vida fossem ressignificadas pela proximidade, pelo cuidado e pela dignidade.

A mística revela a missão, de maneira que presença e ausência são os passos a serem dados pelo acompanhador. “Ou seja, acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor quanto de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e habilidades e, em seguida, ter a coragem de humildemente se afastar”.¹⁷ Estar presente é assumir o chamado e fazer-se disponível para a missão de acompanhar. De igual modo, o momento de ausentar-se é também uma missão, pois, é necessário perceber os momentos de liberdade e autonomia de quem é acompanhado para que a caminhada continue, à distância com breves acenos e sinais, mas na liberdade das escolhas.

Para contribuir com comunidades que desejam investir com criatividade ao desafio proposto pelo Papa Francisco, além dos temas oferecidos pelas demais ciências, seguiremos com breves comentários sobre o perfil do acompanhador, encaminhado como pista de ação pelo Sínodo dos Bispos.

3.2 Perfil e competências do Catequista acompanhador

O Documento Final do Sínodo da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos assim se refere ao citar o perfil do acompanhador:

A consciência de que acompanhar é uma missão que exige profundas raízes na vida espiritual ajudá-lo-á a se manter livre em relação aos jovens que acompanha: respeitará o resultado de sua jornada, auxiliando-os com a oração e alegrando-se com os frutos que o Espírito produz naqueles que lhe abrem o coração, sem tentar impor-lhes suas próprias vontades e preferências. Do mesmo modo, será capaz de colocar-se a serviço, em vez de ocupar o centro das atenções e de assumir atitudes possessivas e manipuladoras que criam dependência em vez de liberdade. Esse profundo respeito também será a melhor garantia contra os riscos de desvio e abuso de todos os tipos¹⁸.

Como mencionamos, a arte do acompanhamento é um serviço e uma missão necessária à Igreja, para ser oferecida a todas as pessoas. No contexto da XV Assembleia Geral do Sínodo dos bispos, surgem pistas para o catequista acompanhador que acolherá em seu apostolado as pessoas adultas, jovens e adolescentes, idosos e crianças.

Dessa maneira,

[...] o acompanhante não pode ser qualquer pessoa de boa vontade. Essa missão tem que ser reservada para quem já fez sua opção de vida e se encontra feliz no caminho tomado para ajudar o jovem a fortalecer seu relacionamento com o Senhor, estar atento às revelações de Deus em sua vida e a decidir quais as respostas que dará a Deus¹⁹.

17 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

18 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

19 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.27-28.

Seguimos na trilha dos elementos apontados pelo Documento Final do Sínodo para as Juventudes, a fim de caracterizar breves sinais para o perfil e consequentes competências de catequistas acompanhadores.

O primeiro elemento é a exigência do respeito pelo processo de cada pessoa e resultado da jornada. Acompanhar não existe ponto de chegada, é um estar-com e logo saber dizer até breve. O resultado não é para o acompanhador, mas é uma conquista para quem está sendo acompanhado, e cada pessoa precisa ser respeitada em seus limites e potencialidades.

Por isso, o respeito é caracterizado pela proximidade que não é invasiva nem opressora, mas desperta coragem e vigor para as decisões necessárias ao longo do caminho. De acordo com o Papa Francisco, esta competência realiza-se com o exercício de caminhar ao lado. “Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã” (EG 169).

O segundo elemento é a dinâmica e constância na vida de oração e abertura ao Espírito. É o testemunho concreto do acompanhador de que suas escolhas são pautadas pelas conversas que tem com o Senhor, a quem entrega todo seu destino com confiança operante e paciência corajosa. Ensinam os padres sinodais que, “[...] um bom acompanhador é uma pessoa equilibrada, de escuta, fé e oração, que se enxerga com as suas próprias fraquezas e fragilidades”²⁰.

A abertura ao Espírito é uma virtude de espera e fé autêntica. Na contramão do mundo acelerado e da vida que concorre à base da pressa, a vida de oração nos insere na dinâmica do tempo de Deus. E a experiência kairológica é rica de sentidos e significados para as escolhas que fazemos no cotidiano. É o que ensina o Papa Francisco na Exortação sobre o chamado à santidade no mundo atual:

A oração, precisamente porque se alimenta do dom de Deus que se derrama na nossa vida, deveria ser sempre rica de memória. A memória das obras de Deus está na base da experiência da aliança entre Deus e o seu povo. Se Deus quis entrar na história, a oração é tecida de recordações: não só da recordação da Palavra revelada, mas também da própria vida, da vida dos outros, do que o Senhor fez na sua Igreja. [...] Contempla a tua história quando rezas e, nela, encontrarás tanta misericórdia (GE 153).

A abertura ao Espírito torna o acompanhador competente para criar vínculos com a pessoa que acompanha, fortalecendo os elos de pertencimento e vida comunitária, que depois serão celebrados, isto é, comemorados em suas orações e ações litúrgicas.

O terceiro elemento para o perfil de acompanhadores é o discernimento para não ocorrer imposição de suas vontades e preferências nas escolhas da pessoa acompanhada. “Não pode exercer essa missão quem foi mandado ou obrigado a acompanhar os jovens por simples obediência a uma autoridade, mas quem tem realmente a vocação de acompanhar, pois é um serviço muito delicado”²¹.

Para o Papa Francisco, “[...] hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder em que reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar” (EG 171). Daqui decorre a competência para a liberdade de escolhas, que precisam demonstrar que existe crescimento na trajetória do acompanhamento com gestos e atitudes que revelam a opção fundamental de um caminhar para Deus, de acordo com cada estado de vida.

20 DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p.59.

21 Denise Alves de CASTRO, *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, p.27.

O quarto elemento é a atitude de servir, com sensibilidade aos sinais da pessoa que busca o acompanhamento durante o tempo que permanecem juntos no itinerário. O serviço mais significativo em nossos dias é a escuta, que exige presença por completo do acompanhador. “Trata-se de ouvir o outro que está se revelando em suas palavras. O sinal dessa escuta é o tempo que dedico ao outro. [...] Essa escuta atenta e desinteressada indica o valor que a outra pessoa tem para nós, além de suas ideias e escolhas de vida” (CV 292).

Neste elemento está a competência da comunicação, que exige atenção aos gestos, os movimentos e aos pequenos detalhes da vida das pessoas. Comunicar é um movimento anterior ao uso dos instrumentos e técnicas. Trata-se de comportamento. Assim, a comunicação que se dá pela escuta é uma competência ímpar para acompanhar pessoas. “Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores” (EG 171). A escuta atenta e generosa será correspondida pela confiança e entrega das pessoas, fortalecendo a vida fraterna e a espiritualidade de comunhão que caracterizam o discipulado missionário de Jesus Cristo.

O quinto elemento é o respeito pela dignidade humana. O processo de abertura ao Espírito e a escuta desinteressada, porém atenta, são oportunidades para o encontro com o barro que nos modela e iguala como matéria-prima para o amor de Deus que nos inflama de vida. Para o acompanhador, esta é a oportunidade de uma escolha decisiva em seu ministério. Colocar-se como privilegiado e em degrau acima por conta do cargo que considera ter recebido ou fazer-se um irmão de caminhada, que assume ter sido encontrado pela misericórdia divina em algum momento de sua vida.

Ter diante dos olhos o critério da dignidade humana é reconhecer as maravilhas que Deus opera ao longo da história, deixando-se encontrar no mistério da criação e no rosto de cada ser humano. Neste sentido, a competência de sentir-se parte do tecido humano, parte do encontro que fazemos com o rosto do irmão de caminhada. Para o Papa Francisco, em cada novo encontro, é preciso “[...] reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isso é ser cristão!” (GE 98).

E, diante dessas considerações, soam forte as recomendações finais do Papa Francisco aos jovens: “Mas para acompanhar os outros nesse caminho, primeiro precisas ter o hábito de percorrê-lo tu próprio” (CV 298). Para ilustrar estas palavras todo acompanhador é, antes de tudo, uma pessoa necessitada de acompanhamento, formação constante e disponível aos caminhos novos que a comunidade de fé tem como meta para a vivência do Evangelho.

CONCLUSÃO

Propomos o caminho da continuidade e da criatividade que o Espírito é capaz de despertar. O ministério do acompanhamento é antigo, se pensarmos nas primeiras comunidades que tinham o costume de ouvir o ensinamento dos apóstolos, partir o pão e socorrer as necessidades dos empobrecidos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,11-16).

A vida de fé é uma novidade para as realidades que caracterizam a sociedade atual, que busca a independência, a autonomia e a liberdade de expressão. Mas como recurso, isola as pessoas em perfis de redes sociais, sempre mutantes e novas, tendo como referência a área plana dos aparelhos eletrônicos. Diferentemente, a experiência de fé é multidimensional, move nossas vontades para um encontro com a realização última, que é uma pessoa, Jesus Cristo.

A redescoberta da importância dos acompanhadores, desde as comunidades da primeira hora, é uma ousadia, que é motivo de conversão para os estilos pastorais e estruturais da Igreja hoje. O paradigma da iniciação à vida cristã exige recalcular a rota das

decisões feitas pelas lideranças e respectivas comunidades, em vista do ideal de acolhida e cuidado da vida dos pequenos, do órfão e da viúva, do estrangeiro e do patrício que vive em nossas periferias.

Uma certeza que alenta é a presença do Espírito de Deus, que recorda tudo que é necessário (Jo 14,26), mas respeita a liberdade de escolha dos homens e mulheres. Neste sentido, que todas as pessoas constituídas de autoridade, que atuam nas instâncias de decisão de nossas comunidades, sejam dóceis às moções do Espírito Santo, que soprando novamente, fortalece e dá coragem para sair e dar testemunho por todos os lugares com sinais próprios (Mc 16,20) de discípulos missionários de Jesus Cristo, crucificado-ressuscitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTRO, Denise Alves de. *Acompanhamento e Discernimento Vocacional: o jovem à luz do Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade São Bento, São Paulo, 2018.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: Ed. CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Itinerário catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: CNBB, 2014.

DOCUMENTO final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Gaudium*. Brasília: Ed. CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Brasília: Ed. CNBB, 2016.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulus, 2019.

FREI PATRÍCIO. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Loyola, 2007.

HEYES, Zacarias. *Como encontrar Deus... e por que nem é necessário procurá-lo*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MAZZAROLO, Izidoro. A vocação de Paulo Segundo Gl 1,11-2-10. *Ribla: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana da Universidade Metodista de São Paulo*, São Paulo, v. 76, n. 3, p. 41-60, 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/8627/6160>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Atos dos Apóstolos*. 2.ed. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/CEBI, 2002.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Evangelii Nuntiandi*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.